ÍNDICE

A ARROGANCIA DO PODER.....03

A ÁRVORE DA VIDA.....07

A CERTEZA.....10

A FORTALEZA.....13

A INOCÊNCIA.....16

A SEMENTE.....19

DIANTE DE DEUS.....23

LIBERDADE.....26

NOS MARES DA SOLIDÃO.....29

O CANGAÇO.....32

O CAOS.....34

O DEUS.....37

O FIM.....40

O PODER.....43

OS DIPLOMADOS NA VIDA.....47

OS MANDAMENTOS.....50

PENSAMENTOS.....54

SER FELIZ.....57

SOZINHO.....60

TERRA DO NUNCA.....63

A ARROGÂNCIA DO PODER

Eu vi uma cena tão triste, que decidi registrar

Tão forte e repugnante, que não dá pra imaginar

São os modos operantes de quem está no poder

Nos tratos com os miseráveis, que não tem a quem recorrer

Relegados à própria sorte, sem proteção e sem voz

Nas ruas perambulando, tentado sobreviver, diante de todos nós.

Seu teto é um cobertor, na noite plena e nua

Sua cama, um papelão, dormindo no meio da rua

É, seu doutor, esta é a nossa vergonha, que você mesmo criou

No ímpeto da sua frieza, vem me falar de grandeza, vem me falar de amor?

Eu queria que os senhores, finos e nobres doutores

Vivessem um tempo nas ruas, dormissem pelas calçadas, debaixo de cobertores.

Fossem acordados cedinho, com muito amor e carinho

Por guardas municipais, que a ti são bem leais

Com chutes e pontapés, gás de pimenta nos olhos

Sentissem a dor da pancada, dos golpes de cassetetes

Tenham certeza, doutores, vós seríeis agraciados

Nos telejornais citados, se tornariam manchetes.

Eu acho que se o doutor, um dia sentisse a dor, mudaria a sua ação, recebia um coração, e aí com gratidão, conheceria o amor.

Na minha concepção, no meu modo de visão, acho que os nossos doutores, tentam de qualquer maneira esconder toda a sujeira,

Dos olhos dos visitantes, provindos do mundo inteiro

Quando tentam afugentar, na pancada e deserção

Àqueles que nas metrópoles, vivem a mendigar o pão

Sem teto e sem proteção, o encara qual desordeiro.

Para os senhores, doutores, mesmo nascidos neste chão

Eles não são cidadãos, nem tão pouco brasileiros.

Ainda propagam ao mundo, que tudo nesta nação, simplesmente é colossal e sem nenhuma exceção, todos os filhos deste chão têm os direitos iguais.

Portanto, o doutor não esqueça, do que hoje eu lhe digo

Que um dia tu vai morrer, a carne vai apodrecer e vai cheirar muito mal

Tanto mais ou até igual, à podridão do mendigo.

E tudo que vós ganhastes, para o inferno não levou

Nenhuma semente plantou, por isso, não germinou

Viveu aqui neste chão, morreu na escuridão, deixou escapar a luz

Por não prestar atenção, àquele belo sermão, que outrora foi proferido

Pelo senhor das multidões, o mais humilde dos homens, o nosso mestre Jesus.

E aí, doutor, o que tu irás dizer, quando for interpelado sobre a bondade que fez?

Nada terá a dizer, nada fez por merecer, não viverá outra vez.

A ÁRVORE DA VIDA

És a pequena árvore, que em um solo desconhecido, Deus desde os céus plantou

E que ao longo das eras, ele sempre pediu que o homem regasse e cultivasse, cujo homem, não a cultivou e nem regou.

Cujo homem mortal poderia um dia, através dos seus imensos galhos, chegar bem próximo dos céus

Enlaçado pela vaidade e nutrido por uma falsa sensação de liberdade, o homem a esqueceu, deixando-a a toa, ao léu.

E o homem negligente, desleal, infiel e incompetente, esqueceu a pequena árvore, deixando-a sob o calor do sol escaldante e abrasador.

Esta árvore da qual vos falo, meus queridos e amados irmãos, é a imensa árvore da vida, a todos nós concedida, denominada “amor”.

Oh pequena árvore sofrida, que pelo homem abandonada, mal regada, mal nutrida e mal

cultivada, não conseguiu se desenvolver, robusta e saudável crescer, dar frutos e sustentar a vida.

Foi belo o seu alvorecer, está sendo triste o seu anoitecer, era para ser frondosa e tão linda.

Capaz de cobrir toda a dimensão da terra, para as aves dos céus serviria de guarida e sob a sombra dos teus galhos, o homem terreno repousaria, amparando o seu próprio corpo e perpetuando a vida.

Atingidas por um amarelão, as suas folhas secas que no seu alvorecer eram tão verdejantes, caem sobre este chão.

Suas raízes já não têm a mesma força que teve outrora, já não suportam o peso do seu tronco e caules, que cobriram este mundo a fora.

Portanto, oh pequena árvore plantada no solo desconhecido do coração

Introduzida nesse planeta tão pequeno e tão perto que ninguém conhece e nunca andou

Recebestes o nome tão divino e tão sublime de “amor.”

É muito triste e lamentável te ver agonizando e morrendo sobre todo este chão e saber que em um

futuro não muito distante, sumirás da face da terra, através de um processo maligno e cruel de extinção.

A CERTEZA

Na ausência da grandeza, a certeza é a miséria

Na ausência da bondade, tem por certo a maldade

Na ausência da mentira, a certeza é a verdade

Quando presente a guerra, a falta de liberdade.

Na ausência da turbulência, terá por certo a paz

No rio, a água que corre, por ele não passa mais

Na ausência do cobertor, a certeza da noite fria

Quando presente as trevas, a falta da luz do dia

Na ausência da consciência, tem por certo a inconsciência

Na ausência da saúde, a certeza é a doença

Se presente a inquietude, a falta de paciência

Na ausência de um réu, se julga à revelia

Quando ausente a tristeza, a certeza é alegria.

Quando presente a certeza, se torna absoluta